



DOM CASMURRO: UMA ANÁLISE DA FIGURA FEMININA NA ATEMPORALIDADE DE CAPITU

Luana Kerly Alves Coelho ¹
Gabriela Lages Veloso ²

RESUMO

Joaquim Maria Machado de Assis, jornalista, contista, cronista, romancista, poeta e teatrólogo, elaborou narrativas sóbrias, elegantes, e líricas dos episódios que criou, ou reproduziu, a partir da realidade (ROMERO, 1954). No romance *Dom Casmurro* (1899), Machado de Assis lança um olhar atemporal sobre a figura feminina – especialmente no que se refere à enigmática personagem Capitu –, e, para isso, o autor utilizou alguns traços realistas. Nesse sentido, o principal objetivo deste artigo é propor uma análise interpretativa de uma das obras mais aclamadas da literatura brasileira, *Dom Casmurro* (1899), considerando, em particular, a construção simbólica da figura feminina, sobretudo, da personagem Capitu. Para tanto, utilizaremos como contribuição teórica os estudos de Kunzler (2009); Pereira (1996), Romero (1954) e Santiago et al. (2012), dentre outros.

Palavras-chave: Dom Casmurro, Realismo, Mulher, Sociedade.

INTRODUÇÃO

Ao investigarmos as principais vertentes da escrita realista, a saber: a linguagem direta; a narrativa detalhada e descritiva; o ambiente social; os espaços urbanos; as temáticas cotidianas; a análise psicológica dos personagens, dentre outros aspectos, podemos identificar alguns traços dessa estética na obra *Dom Casmurro* (1899), de Joaquim Maria Machado de Assis, que transpõe os limites do tempo e espaço, bem como possibilita uma pluralidade de interpretações possíveis, sobretudo no que se refere às questões inter e intrapessoais.

No livro *Dom Casmurro* (1899), Machado de Assis aborda temáticas do realismo, tais como os males e contrariedades da alma humana, que são atemporais. O enredo, deste romance, é apresentado sob o olhar subjetivo do narrador-personagem Bento Santiago – também conhecido como Bentinho –, que descreve fatos de sua experiência pessoal, e, assim,

¹ Graduanda do Curso de Letras – Língua Portuguesa da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, Bolsista de iniciação científica do PIBIC/UEMA, Pesquisadora do Grupo de Estudos em Literatura, Linguagem e Psicanálise (UEMA) e do Grupo de estudos Junguiano: Literatura e Crítica (UFMA), luanakerly2012@gmail.com;

² Graduanda do Curso de Letras – Língua Portuguesa da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, Bolsista de iniciação científica do CNPq, Pesquisadora do Grupo de Pesquisa TECER – Estudos de Tradução, Discurso e Ensino e Monitora do Núcleo de Línguas da UEMA – NUCLIN, gabriela.lages@outlook.com;



através da visão do protagonista, somos convidados a observar o desenrolar de acontecimentos e emoções de cunho particular e coletivo.

Vale ressaltar que, por muito tempo, o romance se difundiu sob um único viés de interpretação: o adultério. Dessa maneira, a possível traição de Capitu foi uma temática difusamente defendida. Entretanto, partindo do pressuposto que existem inúmeras possibilidades de leitura e compreensão, esse desfecho foi questionado e, então, essa narrativa ganhou outras perspectivas de análise.

Nesse sentido, é essencial a investigação sobre a representação da mulher nas páginas machadianas, visto que, os sujeitos contemporâneos ressignificam *Dom Casmurro* (1899), a fim de perceber a sociedade na qual está inserido – preenchida por tabus e limitações sobre a postura feminina. Assim, tal como afirma Kunzler (2009), Machado de Assis destacou-se em

nossa literatura não só [...] por suas maravilhosas obras [...] mas também presenteou-nos com personagens que sempre levaremos em nossas memórias, como, por exemplo: quem de nós não se lembra do ciumento Bentinho, do filósofo Quincas Borba, das interesseiras Sofia e Virgília, da misteriosa Capitu (KUNZLER, 2009, p.10).

Portanto, o objetivo primordial deste artigo é apresentar uma análise interpretativa de uma das obras mais aclamadas da literatura brasileira, *Dom Casmurro* (1899), considerando, em particular, a construção simbólica da figura feminina, em especial, da personagem Capitu, a fim de buscar outras propostas de investigação, que saíam do lugar comum, sobretudo a prolixa temática do adultério.

METODOLOGIA

A metodologia deste artigo consistirá em uma pesquisa bibliográfica, de cunho qualitativo. Vale ressaltar que transitaremos pelas esferas científicas da Teoria e da Crítica Literárias. Para tanto, utilizaremos como aporte teórico os estudos de Kunzler (2009); Pereira (1996), Romero (1954) e Santiago et al. (2012), além do recurso à fortuna crítica que já se formou em torno do tema da figura feminina e sua representação literária.

A EXPRESSÃO DO REALISMO EM *DOM CASMURRO*

O realismo, tal como o próprio nome sugere, é resultado do interesse em descortinar as mazelas e problemáticas sociais de forma direta, a fim de questionar, criticar e transformar a



realidade vigente. Vale ressaltar que essa estética veio ao encontro dos ideais românticos, provocando, assim, uma ruptura com o idealismo, que antes vigorava. Dessa maneira, os cenários e personagens valorosos perdem espaço para a realidade, elevada à enésima potência. À vista disso, o realismo assume também uma postura de denúncia social, uma vez que ao centrar-se nos problemas do homem, o transforma em objeto de estudo, e, assim sendo, através dos personagens realistas somos apresentados aos impasses e reveses sociais.

Desse modo, Pellegrini (2007, p. 140) afirma que, “enquanto postura e método, o realismo desde o início negou que a arte estivesse voltada apenas para si mesma ou que representar fosse apenas um ato ilusório, debruçando-se agora sobre as questões concretas da vida das pessoas comuns, representadas na sua prosaica tragicidade”. Nesse sentido, é importante destacar que o escritor Joaquim Maria Machado de Assis foi um grande representante da escrita realista. No romance *Dom Casmurro* (1899), Machado de Assis apresentou traços da referida estética, desde a descrição minuciosa do tempo e espaço, até a construção física e psicológica de personagens, que são indivíduos enredados em personalidades complexas e imperfeitas.

Entretanto, podemos afirmar que existem algumas características românticas, ao longo da obra, uma vez que são retratadas a religiosidade; a descrição idealizada, e por vezes, exagerada da figura da personagem Capitu, e o sentimentalismo que se estende à questões subjetivas. Por isso, podemos inferir que *Dom Casmurro* (1899) se trata de um romance plural, dotado, simultaneamente, de questões sociais (realistas) e subjetivas (românticas).

Em *Dom Casmurro* (1899) temos um narrador-personagem que visa convencer o leitor de uma suposta verdade, uma vez que a história é contada por Bento Santiago, que assume o papel de um indivíduo permeado por ciúmes e inseguranças. Assim, através do olhar do protagonista, somos apresentados aos personagens e cenários que o cercam, e temos uma visão linear sobre o que se passa na história, visto que todos os fatos perpassam a subjetividade de Bentinho, e levam a crer a personagem Capitu cometeu um ato de infidelidade. Essa proximidade entre o narrador-personagem e o leitor é tamanha, que em alguns fragmentos observamos simulações de diálogos, como em: “Se isto vos parecer enfático, desgraçado leitor, é que nunca penteastes uma pequena, nunca pusestes as mãos adolescentes na jovem cabeça de uma ninfa... Uma ninfa!” (ASSIS, 1899, p. 76)

Dessa maneira, entre as confissões e pensamentos de Bentinho, percebemos as impressões que ele tem sobre a vida, as descrições gloriosas que o mesmo faz sobre sua



amada Capitu, a sua estreita relação com os dogmas religiosos, assim como os detalhes sobre sua mãe, o lugar onde habita, os amigos que possui. E, através dessas narrativas, o leitor se envolve em uma única perspectiva sobre os fatos.

Há ainda na análise da narrativa, um ponto relevante em relação ao “herói” do realismo, é dito que este é problemático, o que remete posteriormente à condição de Bentinho, que ao narrar sua história estando na sua velhice, propaga detalhes puramente sentimentais que podem distorcer a realidade dos fatos. O mesmo Bentinho que foi atraído pela beleza, esperteza e peculiaridade de Capitu, transforma todo o sentimento que ela despertou nele, como seu maior pecado e grande motivo do seu sofrimento, e, por isso, Bentinho pode ser considerado um herói nos padrões realistas.

Como vimos anteriormente, alguns fragmentos da obra rompem com os ideais realistas, e alcançam a idealização romântica, no momento em que o narrador descreve Capitu, como um ser glorioso, destacando sua beleza, intensidade e inteligência, detalhes que só poderiam ser notados por Bentinho, um jovem apaixonado.

Além da descrição de Capitu, que se dá principalmente em relação aos seus atributos físicos, os demais personagens também são apresentados dessa maneira, a estética sendo destacada, que é uma das características do realismo. Outro aspecto relevante é que a obra reúne figuras femininas com idades e personalidades distintas, dentre elas: Capitu, Dona Glória, prima Justina, Dona Fortunata e Sancha, amiga de Capitu.

Podemos destacar ainda mais um aspecto da obra *Dom Casmurro* (1899), que também é própria do realismo: o tom acusatório, uma vez que toda a amargura de Bentinho é justificada pela possível traição de Capitu. Há então nesta obra marcas do realismo que são manifestadas de forma sutil, haja vista que Machado de Assis rompe com os padrões literários e elaborou narrativas sóbrias, elegantes, e líricas dos episódios que criou, ou reproduziu, a partir da realidade (ROMERO, 1954).

O ESPAÇO DA FIGURA FEMININA NA OBRA

No romance *Dom Casmurro* (1899), Machado de Assis reúne inúmeros personagens e cenários, que estão significativamente enredados na vida do protagonista Bentinho. Dentre esses personagens, analisaremos as figuras femininas, especialmente, Capitu.



Capitu é, sem dúvida, a principal personagem feminina do livro em estudo, ela é inicialmente descrita como uma menina que possui traços únicos: é bela, inteligente, e tem um olhar misterioso, e todas essas qualidades encantam o protagonista. Este, por sua vez, apaixonado por Capitu, a descreve com mínimos detalhes:

Não podia tirar os olhos daquela criatura de quatorze anos, alta, forte e cheia, apertada em um vestido de chita, meio desbotado. Os cabelos grossos, feitos em duas tranças, com as pontas atadas uma à outra, à moda do tempo, desciam-lhe pelas costas. Morena, olhos claros e grandes, nariz reto e comprido, tinha a boca fina e o queixo largo. As mãos, a despeito de alguns ofícios rudes, eram curadas com amor; não cheiravam a sabões finos nem águas de toucador, mas com água do poço e sabão comum traziam sem mácula. Calçava sapatos de duraque, rasos e velhos, a que ela mesma fizera alguns pontos. (ASSIS, 2015, p. 30)

A delicadeza que Bentinho usa para falar de Capitu retrata os sentimentos que nutria por ela. Capitu que acompanhara Bentinho desde sua infância, fora a mulher idealizada e perfeita aos olhos do jovem apaixonado. É importante ressaltar que Machado de Assis deposita em Capitu características de uma mulher com qualidades e defeitos, o que é próprio do realismo. Assim, apesar do sentimentalismo usado para descrever Capitu, ela é marcada por uma personalidade forte, que é própria da concepção da mulher “real”.

Outro aspecto relevante e que reforça a centralidade de Capitu na obra, se dá pela sua interação com outros personagens, além de Bento Santiago. Assim, a mãe de Bentinho e José Dias também possuem falas com/sobre Capitu. Com isso, uma das mais célebres frases da obra *Dom Casmurro* (1899) é dita pelo personagem José Dias, quando este, falando de Capitu para Bentinho, com o propósito de insinuar um caráter duvidoso da menina, diz que esta possuía “olhos de cigana, oblíqua e dissimulada” (ASSIS, 1899, p.61), o que posteriormente Bentinho denomina como “olhos de ressaca” (ASSIS, 1899, p. 61).

Ao longo da referida obra, podemos observar a presença de outras personagens femininas com características distintas, Dona Glória, por exemplo, é a mãe de Bentinho, e apresenta um perfil diferente de Capitu, haja vista a diferença de idade e responsabilidades, descritas na narrativa. Bentinho a descrevera como:

Minha mãe era boa criatura. Quando lhe morreu o marido, Pedro de Albuquerque Santiago, contava trinta e um anos de idade, e podia voltar para Itaguaí. Não quis, preferiu ficar perto da igreja em que meu pai fora sepultado [...]. Ora, pois, naquele ano da graça de 1857, D. Maria da Glória Fernandes Santiago contava quarenta e dois anos de idade. Era ainda bonita e moça, mas teimava em esconder os saldos da juventude, por mais que a natureza quisesse preservá-la da ação do tempo. Vivía metida em um eterno vestido escuro, sem adornos, com um xale preto, dobrado em triângulo e



abrochado ao peito por um camafeu. Os cabelos, em bandos, eram apanhados sobre a nuca por um velho pente de tartaruga; alguma vez trazia touca branca de folhos. Lidava assim, com os seus sapatos de cordavão rasos e surdos, a um lado e outro, vendo e guiando os serviços todos da casa inteira, desde manhã até à noite. (ASSIS, 1899, p. 20)

A personagem Dona Glória, como é destacado no livro, representa a mulher, dona de casa, que tenta seguir a vida normalmente, mesmo após o falecimento do marido. Podemos inferir, que essa mulher, ao seguir sua vida de forma natural, demonstra que o matrimônio lhe deixou boas memórias, o que é confirmado por Bentinho, no trecho em que ele menciona uma fotografia em que seus pais estavam juntos e felizes. Logo, Dona Glória também figura um modelo feminino real, o de mãe, esposa, e, posteriormente, viúva, que se dedica a vida familiar, e de alguém que cumpre a rotina com prazer.

Dona Glória também é destacada na obra, no fragmento no qual é apresentada uma das problemáticas que dão sentido ao desenrolar da narrativa: ela fez uma promessa, na qual Bentinho, seria padre, quando se tornasse adulto. Esse fato inquietou o protagonista, pois o seu envolvimento com Capitu rompia com a promessa da mãe. Assim, notamos outra característica de D. Glória: a fé, e a maneira como a promessa é levada adiante, que também delineiam um perfil social da época.

Por fim, destacamos a personagem Dona Fortunata, mãe de Capitu, que assume uma postura determinada. Podemos notar nessa personagem um contraste de personalidade com o marido, pois enquanto ela era forte e determinada, ele possuía um caráter mais pacífico e cordata. Vale ressaltar que eles jamais se opuseram à amizade de Capitu e Bentinho.

Após essa breve análise das figuras femininas da obra *Dom Casmurro* (1899), chegamos à conclusão que essas personagens possuem personalidades distintas, e, que, justamente, essas diversas faces demonstram a visão machadiana da mulher “real”. Visto que, na estética realista, as personagens apresentam defeitos e qualidades, além disso, são apresentadas temáticas como o adultério, a ambição desmedida, a dissimulação e a vaidade.

A ATEMPORALIDADE DE CAPITU

Capitu é sem dúvida, uma das personagens mais conhecidas no mundo literário, isso se deve à personalidade marcante e ao seu olhar misterioso. A inteligência e o tom resolvido



de Capitu despertam em Bentinho um encantamento e um forte desejo de aproximar-se da menina. Assim, desde as primeiras descrições de Capitu, são destacados traços únicos:

Como vês, Capitu, aos quatorze anos, tinha já ideias atrevidas, muito menos que outras que lhe vieram depois, mas eram só atrevidas em si, na prática faziam-se hábeis, sinuosas, surdas e alcançavam o fim proposto, não de salto, mas aos saltinhos. (ASSIS, 1899, p.40)

No que se refere à relação de Bentinho e Capitu, houve, desde o início, indícios de que existiam sentimentos entre eles que ultrapassavam uma mera amizade. Como Capitu era/é o principal tema da vida de Bento Santiago, este, mesmo na velhice, descreve com uma minúcia de detalhes, tudo o que vivera e sentira ao lado de sua amada:

Voltei-me para ela; Capitu tinha os olhos no chão. Ergueu-os logo, devagar, e ficamos a olhar um para o outro... Confissão de crianças, tu valias bem duas ou três páginas, mas quero ser poupado. Em verdade, não falamos nada; o muro falou por nós. Não nos movemos, as mãos é que se estenderam pouco a pouco, todas quatro, pegando-se, apertando-se, fundindo-se. Não marquei a hora exata daquele gesto. Devia tê-la marcado; sinto a falta de uma nota escrita naquela mesma noite, e que eu poria aqui com os erros de ortografia que trouxesse, mas não traria nenhum, tal era a diferença entre o estudante e o adolescente. Conhecia as regras do escrever, sem suspeitar as do amar, tinha orgias de latim e era virgem de mulheres. Não soltamos as mãos, nem elas se deixaram cair de cansadas ou de esquecidas. Os olhos fitavam-se e desfitavam-se, e depois de varagem ao perto, tornavam a meter-se uns pelos outros [...] (ASSIS, 1899, p. 31).

Essas descrições, repletas de afeto, interligam o olhar do leitor ao do narrador-personagem, e, assim, somos conduzidos e imersos na narrativa. Além disso, podemos notar que Bentinho é apaixonado a tal ponto por Capitu, que, por vezes, a exalta e coloca em um patamar que ultrapassa a sua própria vida, tal como no seguinte trecho: “Capitu era Capitu, isto é, uma criatura mui particular, mais mulher do que eu era homem” (ASSIS, 1899, p.58).

Dessa maneira é concebida toda a narrativa, entre as peripécias de Capitu e o encantamento de Bentinho. É importante ressaltar que são deixadas possibilidades, ao longo do romance: Capitu pode permanecer sendo aquela mesma menina, mulher que despertou o amor de Bentinho, uma criatura peculiar e digna de aplausos; em um outro extremo, pode ser uma mulher infiel e adúltera; ou, ainda, pode ter sido apenas uma válvula de escape para as fragilidades e inseguranças de Bentinho. Apesar de existirem todas essas possibilidades sobre as reais atitudes de Capitu, algo é imutável desde o início, até o fim da trama: Bentinho nutre uma forte paixão e encantamento por Capitu, visto que, no fim da narrativa, ele afirma:



Agora, por que é que nenhuma dessas caprichosas me fez esquecer a primeira amada do meu coração? Talvez porque nenhuma tinha os olhos de ressaca, nem os de cigana oblíqua e dissimulada. Mas não é este propriamente o resto do livro. O resto é saber se a Capitu da praia da Glória já estava dentro da de Matacavalos, ou se foi mudada naquela por efeito de algum caso incidente. (ASSIS, 1899, p.222)

É também nesse trecho que o Bentinho acusa Capitu de adultério. Entretanto, essa não é a questão mais importante do livro. O que torna Capitu atemporal, e inesquecível, é a sua personalidade única e marcante, que a faz ser mais mulher do que ele era homem, o seu olhar enigmático e o fato de ela ser uma representação de toda e qualquer figura feminina, que comete erros e acertos, mas, que, acima de tudo, escolhe o seu destino. Machado de Assis criou essa sublime personagem para demonstrar a sua visão sobre a mulher – um ser belo, forte e misterioso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, *Dom Casmurro* (1899), de Machado de Assis, assim como toda leitura, traz um labirinto de possibilidades, que transpõem, unicamente, a questão do adultério. Esse romance não carrega consigo apenas traços da estética realista, ele ultrapassa esses limites, as linhas que não se concretizam e que abrem espaço para novos desfechos, fazem com que essa obra não tenha um fim determinado, e assim, Capitu perpassa eras, continentes, etnias, e, prossegue com seu olhar enigmático, que gera as mais diversas interpretações, e, por isso, é atemporal.

Sem dúvida, a análise das figuras femininas dentro de qualquer narrativa, é um convite para refletir sobre importantes questões, tais como a representação feminina em diferentes épocas e lugares, seja na literatura ou nas artes em geral, e, sobretudo, qual é o real papel da mulher em sociedade, reconhecendo, assim, sua força, delicadeza, mistério e possibilidades, tal como Capitu. Nesse sentido, Machado de Assis traçou um cenário repleto de figuras femininas, cada uma trazendo consigo personalidades únicas, que fazem do romance *Dom Casmurro* (1899) um belo painel que constrói uma única fisionomia – a imagem da mulher.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**. São Paulo: Via Leitura, 2015.



KUNZLER, Rosiélen. **Análise do olhar feminino em Dom Casmurro:** Um olhar sobre Capitu, Canoas, 2009. Disponível em: <<http://livrozilla.com/doc/889177/an%C3%A1lise-do-olhar-feminino-em-dom-casmurro>>. Acesso em: 01/08/20.

PELLEGRINI, Tânia. **Realismo:** postura e método. In: Letras de Hoje. Porto Alegre, v. 42, n. 4, p. 137-155, dezembro 2007.

PEREIRA, Eliane. **Personagens Femininas do Realismo:** Uma retórica da Paixão. São Paulo, 1996. Disponível em: <<https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=http://dp.uc.pt/images/Personagens-femininas-no-realismo.pdf&ved=2ahUKEwjR9-Lhib7rAhUkIbkGHXieD8AQFjAAegQIBRAC&usg=AOvVaw3HznZxeP9-ETNGIWye1xeU>>. Acesso em: 01/08/20.

ROMERO, Sílvio. **História da literatura brasileira.** 5ª Ed. Organizada e prefaciada por Nelson Romero. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954.

SANTIAGO C; SILVA, C; FARIAS, M; MOTA, R, V, N. Mulheres Machadianas: Submissão e resistência. In: **Anais do III SEPEXLE 2012** - Seminário de Pesquisa e Extensão em Letras. Disponível em: <http://www.uesc.br/eventos/sepexle/index.php?item=conteudo_anais_iii.php>. Acesso em: 01/08/20.